

Campanhas políticas em tempos de hiperpolítica: um ensaio sobre Peter Sloterdijk e a campanha de 2018

Political campaigns in times of hyperpolitics: an essay on Peter Sloterdijk and the 2018 campaign

Igor Fediczko Silva¹

Rafael de Paula Aguiar Araújo²

Resumo: Em 2018 surgiu um tipo de agente no meio institucional da política: o influenciador digital. Sem capital político anterior, o influenciador se utilizou das novas formas de tecnologias para se comunicar com o seu público de maneira segmentada, contribuindo para a construção do que Peter Sloterdijk chamou de *hiperpolítica*. Como o meio influenciou a maneira de se fazer política e também de se relacionar politicamente? Qual é a realidade dos algoritmos digitais e como essa modernidade contribuiu para a polarização?

Palavras-chave: *hiperpolítica*; algoritmos digitais; polarização política; influenciadores digitais.

Abstract: In 2018 a new type of agent appeared in the institutional environment of politics: the digital influencer. Without previous political capital, the influencer used new forms of technologies to communicate with his audience, in a segmented way, contributing to the construction of what Peter Sloterdijk called *hyperpolitics*. How did the medium influence the way of doing politics and also of relating politically? What is the reality of digital algorithms and how has this modernity contributed to the polarization scenario?

Keywords: hyperpolitics; digital algorithms; political polarization; digital influencers.

¹ Bacharel em Sociologia e Política, mestre em Ciências Sociais e doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3274-9361>.

² Professor do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7632-6053>.

INTRODUÇÃO

No ano de 2018, o processo eleitoral trouxe um novo olhar sobre o modo de se fazer política. Parlamentares sem relações institucionais na casa, mas com relações estabelecidas com a sociedade civil através de redes digitais, se elegeram e se sentiram empoderados por um discurso de limpeza, mudança e novidade.

Discursos de repulsa e limpeza na política não são novidades. A vassourinha de Jânio, a rinoceronte Cacareco, o palhaço Tiririca e tantos outros casos na história recente do país mostram que existe um desejo ou sentimento de mudança na sociedade civil. Há um esgarçamento do modelo de representatividade e uma conjuntura específica, que envolve escândalos políticos e uma sistemática ação de depreciação por parte dos meios de comunicação. A negação da política já faz parte de uma visão do marketing político, uma maneira de se distanciar da fisiologia do sistema.

Mas em 2018 um fator novo trouxe o debate da mudança no modo de fazer campanha: a renovação poderia vir da sociedade civil organizada? Seria possível ter voz na política institucional sem ter um capital político anterior? Haveria o reconhecimento do papel de uma nova forma de representação por afinidade, que pudesse influenciar diretamente os resultados eleitorais?

Se antes era preciso um longo caminho relacional para que um pretendente ao cargo de político profissional ganhasse legitimidade como porta voz de um grupo, esse caminho foi encurtado institucionalmente para aqueles que têm um olhar técnico sobre as ferramentas do século XXI. Se antes o *atleta do estado* precisava de atributos específicos do campo político, agora o agente público precisa se relacionar com seus pares e, principalmente, se relacionar com seu público.

O artigo parte das ideias de Peter Sloterdijk, principalmente as encontradas em duas obras, *No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica* (1999) e *Esferas I: Bolhas* (2016), trabalhos em que o autor descreve caminhos da sociedade através de diferentes momentos da política. Trata-se de uma reflexão sobre como as tecnologias de informação e comunicação influenciaram a maneira de se fazer política e de se relacionar politicamente. Além disso, o debate procura apresentar o questionamento sobre a relação existente entre a *hiperpolítica* e a realidade técnica que passaram a caracterizar as campanhas eleitorais.

DEMOCRACIA EM TEMPOS ATUAIS

Como definir a democracia em meio ao avanço tecnológico que vivemos? Como viver democraticamente em tempos de *hiperpolítica*? Peter Sloterdijk (1999) nos pergunta se a política se tornou a arte da impossibilidade. O autor delimita três momentos de enquadramento da história política e social: *paleopolítica*, *megalopolítica* e *hiperpolítica*. Momentos distintos que estruturam, de maneira linear, a forma com que as instituições se relacionam com os indivíduos.

A *paleopolítica*, como o nome sugere, é um projeto inicial de sociedade, que tem como maior preocupação criar seres humanos para viverem juntos e em sociedade. Trata-

-se de criação e procriação. Não há necessariamente conflitos estéticos ou mesmo estruturais de como fazer política. A questão central, segundo o autor, era constituir a “experiência coletiva e comunitária que acompanha a humanidade”, e pensar na repetição do ser humano pelo ser humano³.

Existindo ser humano, existindo o outro, passamos à *megalopolítica*. Uma sociedade que já existe, que está inchada e precisa se manter. A preocupação não é mais repetir, mas perpetuar. Recorre-se ao Estado e aos *atletas do Estado*, que vivem suas vidas para a manutenção dessa estrutura.

Na *megalopolítica*, através da imagem da cidade grega e seus espaços abertos, construímos a visão de pólis; do público e da discussão do que é melhor para o coletivo. As dificuldades de amadurecimento do convívio em meio à difícil sociabilidade resultaram na necessidade de se criarem técnicas de organização civil, estabelecerem regras de convívio e uma moralidade, além de instituições formais de governo. A estrutura política passa a ser pensada e a filosofia passa a dedicar-se aos limites da democracia, como exercê-la e como fazê-la durar.

Num terceiro momento, Sloterdijk nos apresenta o conceito de *hiperpolítica*, segundo o qual já existe o homem e o Estado, mas existe também uma dificuldade inédita e imensa de se conviver com o outro e de se aceitar o diferente. Como pensar um mundo onde se torna cada vez mais difícil viver juntos? Precisamos dar um passo atrás para entender a unidade.

Vivemos em uma sociedade digital, com uma política institucional em que parlamentares se sentem grandes o suficiente para agir de maneira polarizada, contando com o seu público cativo, que reage instantaneamente às menores provocações. Peter Sloterdijk demonstra que,

o mito de Babel apresenta a expulsão da humanidade de um paraíso unitário, cujo conteúdo político poderia se caracterizar por um nome claro: *consensus*, e também que as gentes de Babel sabiam bem demais o que deviam e queriam; seu projeto de torre, de acordo com tudo o que sabemos a esse respeito, era uma campanha excessivamente unânime em busca das alturas⁴.

A metáfora babélica é um incentivo para a reflexão. Um projeto megalomaniaco que depende da cooperação de diferentes atores, que avança até certo ponto, mas que depois fracassa tragicamente, resultando em uma situação de incomunicabilidade. A política, em um cenário assim, se torna a arte do possível. E a arte do possível é equivalente a proteger o espaço da política contra as exigências oriundas do impossível. E em tempos de redes digitais, se o impossível não é maior, ele é pelo menos mais aparente e desafiador.

Tanto para Shakespeare quanto para Maquiavel não há como separar a política da guerra. Uma visão trágica, pela qual se há política, há guerra. Viver juntos é viver em guerra. Os conflitos estão permanentemente entre a ordem e a estabilidade. Entre a guerra e a violência. É nesse contexto belicoso, trágico e natural da política que um novo elemento surge. Se uma maneira de se fazer política em tempo de *megalopolítica* seria

³ SLOTERDIJK, Peter. *No mesmo barco: ensaio sobre a Hiperpolítica*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, p. 20.

⁴ SLOTERDIJK, Peter. *No mesmo barco: ensaio sobre a Hiperpolítica*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, p. 12.

a participação popular, na atualidade expandiu-se a participação com um conceito de algoritmos digitais, que fomentou a participação e o debate político no interior de grupos delimitados. Os interagentes passaram a dialogar entre pares, deixando ruir a riqueza da pluralidade tão cara à política. O mito de Babel, citado por Sloterdijk, novamente se firma como uma potente metáfora, uma vez que os algoritmos mantêm a conversa entre iguais⁵.

OS ALGORITMOS DIGITAIS

Para uma visão simplificada sobre o que são algoritmos digitais, podemos considerá-los como um conjunto de rotinas e procedimentos lógicos e calculados, definidos com a finalidade de propiciar a solução de um problema em um número limitado de etapas. Um conjunto de regras, definidas por uma empresa com capital no mercado, e com procedimentos lógicos, para obtenção de mais capital no mercado, que levam a solução de um problema.

Porém, esse virtual problema, que seria solucionado pelo algoritmo, se dá em um determinado “mundo”; por um grupo específico de pessoas; e com uma intenção explícita de retenção de usuários. Segundo Peter Sloterdijk,

mundos são campos que se estabilizam em efeitos de auto-hipnoses coletivas; o mundo é tudo que é, para o ilhéu que vive em harmonia com os outros; verdade é aquilo a que se pode conectar a partir da ilha; o que não pode ser para o ilhéu, nunca terá sido. (Sloterdijk, 1999, p. 27)⁶

Os problemas enfrentados pelos algoritmos, portanto, estarão inseridos em um contexto ensimesmado. As perspectivas discursivas ficam ilhadas nesses mundos e pouco se pode avançar com a diversidade de cidadãos, quando as verdades ficam circunscritas a esse território insular.

Citar os algoritmos digitais se tornou uma maneira jornalística de mostrar, de forma didática, que empresas como o Facebook ou o YouTube⁷ tratam os usuários com o mesmo método, porém com resultados diferentes. O mais importante é deixar claro que não existe “o” algoritmo, mas sim “um” algoritmo. E que cada rede, cada empresa, cada marca tem diversos algoritmos dentro de seus serviços oferecidos aos usuários.

Um algoritmo é um conjunto de regras, envolvendo o chamado *machine learning*, ou aprendizado de máquina, para oferecer ao usuário um conteúdo qualificado para retê-lo dentro da plataforma, de modo que o seu tempo de uso seja maior e a quantidade de anúncios exibidos também seja maior. A venda de anúncios ocorre na medida da retenção do usuário dentro da plataforma, através de técnicas digitais de aprendizado de máquina, que chamamos de algoritmo.

⁵ A diferença para o mito é que não falamos línguas diferentes. Falamos todos a mesma língua, ainda que em perspectivas distintas, e não dialogamos com pessoas diferentes.

⁶ SLOTERDIJK, Peter. *No Mesmo Barco: Ensaio Sobre a Hiperpolítica*. 2 Ed. Tradução: Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 1999, p. 27.

⁷ Vamos focar nessas duas redes, o Facebook, com conteúdo majoritariamente de textos, e o YouTube, majoritariamente com conteúdo em vídeos. As outras redes, como Twitter, WhatsApp, Instagram e demais redes sociais usadas no âmbito de campanhas políticas não serão trabalhadas no artigo.

E como reter esse usuário e chamar a sua atenção? Como citado anteriormente, “para o ilhéu que vive em harmonia com os outros; verdade é aquilo a que se pode conectar a partir da ilha”. Em uma sociedade de aceleração das informações e de centralidade do mundo do trabalho, é natural que a quantidade de conteúdo se multiplique. A quantidade de notícias sobre o que interessa, e sobre o que propositalmente não interessa, é potencializada. O cidadão, em conjunto com sua horda, impulsionado por um algoritmo, retido por uma plataforma, acredita na agenda que majoritariamente lhe fora definida, a de que o Estado é incompetente ou desnecessário.

Cresce a visão de que há uma des-razão do Estado⁸. Uma visão que tem crescido em diversos lugares no mundo e que ganhou força preeminente no Brasil. Uma crença de que a política não é necessária para a sociedade, pelo contrário, é um estorvo que conjura atores degradados e com más intenções. Haveria, portanto, a necessidade de se proteger da política, ainda que o recurso para isso seja ilhar-se em discursos vazios.

É importante lembrar a perspectiva de que as redes sociais contribuíram para o crescimento exponencial da *hiperpolítica*. O ilhéu se conecta a partir de sua ilha, potencializando o surgimento de novos atores que falam para essas mesmas ilhas através de conteúdos distribuídos por algoritmos criados para reter a atenção de usuários conectados.

Porém as redes sociais são diversas, com regras variadas, voltadas para públicos distintos, com conteúdos diferentes, desenvolvidos por várias empresas e alimentados por intenções múltiplas. A única característica que une todas as redes sociais, de maneira técnica, é que todas estão conectadas. Sem entender as diferenças entre as redes, é impossível entender como chegamos a uma campanha em que usuários eleitores acreditaram, por exemplo, que um dos candidatos distribuiu conteúdo sexual de gênero para crianças em colégios públicos. O avanço de *fake news* só pode ser compreendido dentro da perspectiva da ilha, e com o funcionamento técnico favorável, que conspira para o sucesso de um objetivo.

O TRABALHO E A MODERNIDADE

A modernidade trouxe consigo o crescimento do mundo do trabalho. O homem se relaciona com a sociedade através do trabalho, e é através do trabalho que instituições sociais se solidificam, tais como a família e a propriedade. No entanto, o aumento exponencial de empreendedores individuais, que não se relacionam com pares em seus trabalhos, somado ao crescente aumento da prática de *home offices*, é natural que uma das consequências indiretas seja a diminuição do número de instituições permanentes. O ambiente tecnológico informacional também corrobora a aceleração dos processos sociais e a fragilidade das interações. Nesse cenário, é importante pensarmos como viver juntos em um momento em que se trabalha sozinho e que cada vez menos as ideias de indivíduos encontram oportunidades de confrontos.

⁸ Mesmo nos outros momentos citados anteriormente, da vassourinha de Jânio, ou do palhaço Tiririca, sempre existiu uma crença de uma mudança por vias institucionais. Nunca foi tão forte a crença na união de um neoliberalismo privatista com um militarismo excludente.

Considerando esse ambiente, em que o tempo de reflexão é capturado e as relações simplificadas, a negação do Estado pode ser construída. O uso tecnológico das redes reforçou o longo processo de afastamento dos cidadãos dos ambientes políticos plurais, algo que o cotidiano das metrópoles e do mundo do trabalho já vinha propiciando. Os meios de comunicação de massa foram o primeiro passo na formatação de uma opinião pública planejada e simplista, algo adequado ao senso comum e aos discursos espetaculares de grande audiência.

Os algoritmos, cada um à sua maneira, retiveram usuários através de conteúdos tensionados que aumentaram o abismo entre o público e o privado. Se a solução para a maximização do lucro foi aumentar o número de *home offices*, diminuir custos, criar empreendedores dedicados; então, pouco importa o que será feito do Estado. A política de bem estar social se tornou, dentro de um discurso homogeneizante, inimiga da maximização do lucro, um custo demasiado para a sociedade, algo sustentado por gráficos e planilhas em discursos simplistas.

Se a política se desenvolve na tensão entre a ordem e a desordem, na convivência de diferentes, como fazer política para aqueles que trabalham sozinhos e não convivem socialmente? A associação de cidadãos em diferentes níveis é cada vez mais raro e a vida nas cidades cada vez menos incentiva a agremiação de pessoas em torno de causas. São raras as organizações de movimentos sociais e da sociedade civil. Sem a prática do associativismo, o desenvolvimento da política é despontencializado e cria-se um ambiente favorável ao isolamento tecnológico.

O processo de isolamento social foi acentuado com a modernidade, com o processo de industrialização e crescimento dos centros urbanos. Mas o avanço desse processo ganha proporções inéditas no século XX, em grande parte corroborado pela presença tecnológica. Meios de comunicação de massa, indústria cultural, profissionalização do marketing são alguns exemplos de mudanças sistêmicas que propiciaram a formatação da opinião pública, com impacto direto para a democracia. Essa realidade técnica somada às crises econômicas fez emergir a xenofobia em diferentes escalas como uma realidade preocupante.

Como pertencer em um mundo de confortos individuais? “A humanidade caminhou para este destino”, segundo Sloterdijk (2001). Buscamos autonomia e liberdade, mas conquistamos distanciamento e depressão.

A MODERNIDADE E A POLARIZAÇÃO

As notícias falsas distribuídas nas diferentes redes, especialmente no WhatsApp, se mostraram eficientes como influenciadoras para a formação de uma opinião pública. Não apenas como conteúdo dentro da própria rede, mas também como propagação em debates, sites de notícias e discussões triviais. As notícias falsas cresceram em um ambiente que antes era dominado por jornalistas e comentaristas de política, profissionais regrados e institucionalmente comprometidos. Isso figurou como uma possibilidade de estratégia em campanhas recentes.

Ainda há dúvidas sobre o nível de profissionalismo dessa estratégia e a maneira com que ela foi aplicada. A premissa de uma distribuição orgânica dentro das redes, somada à popularidade do candidato vencedor em 2018, levam à crença de que a campanha foi feita, supostamente, de forma amadora, por apoiadores que negavam o Estado, que se aproveitaram do cenário de desinteresse pela política e de esvaziamento da máquina pública.

Essa possível nova estratégia de marketing político e eleitoral, feita por redes, algoritmos e profissionais digitais, em 2018, se mostrou pela primeira vez protagonista no Brasil, ocupando um lugar que antes era dominado pela televisão, pelas entrevistas e pelos debates. As chamadas *fake news* deram espaço e força a uma voz que vinha crescendo, a dos fanáticos de uma chamada *alt-right*⁹, que usaram desses argumentos mentirosos e de discursos de deslegitimação para eleger chefes de Estado conservadores em diferentes partes do mundo.

Segundo Sloterdijk, a “política é a arte de organizar laços ou forças de ligação que abrangem grandes grupos de até milhões de membros, e para além disso numa esfera de elementos comuns” (SLOTERDIJK, 1999, p. 32). Com os dissensos provocados pelo isolamento de cidadãos, a política se tornou a arte da impossibilidade em um mundo onde se torna cada vez mais difícil a convivência. Como viver o coletivo se todos vivem o singular? Os algoritmos se desenvolveram tanto que conseguiram criar propagandas orientadas, as chamadas *micro targetings*, frases e textos individuais, com conteúdos direcionados ao usuário com uma precisão impressionante, que seduzem e retêm usuários. A *hiperpolítica* é a política para os últimos homens, como nos mostrou o autor. Uma comunidade de desafio que no futuro também apostará no aperfeiçoamento do mundo. As relações de poder, dentro desse ambiente tecnológico, foram alteradas. Esse dado é indelével para a análise dos processos democráticos e para a avaliação da relação entre governantes e governados.

O sucesso dos algoritmos, e conseqüentemente das plataformas, se dá através de um “encantamento de fontes duvidosas”. As fontes de informação não são investigadas, não são rebatidas. Os usuários, em um processo natural, replicam as informações recebidas porque fazem sentido a eles, porque se assemelham a sua forma de enxergar o mundo. São informações calculadas com o auxílio dos algoritmos, que por chegarem de forma sedutora aos usuários adquirem um grande potencial de viralização. Num cenário assim, viver juntos se torna compartilhar fontes duvidosas, receber aprovação e se unir em hordas.

O convencimento é apenas um nome para a comoção pós-crítica — ele significa o giro do juízo aprovador por sobre as alturas da consciência reflexiva. Mas não só os dogmas oficiais da convicção madura e compartilhada dispõem de alvará para franquear nossas barreiras de distanciamento: também encantamentos provenientes de fontes duvidosas ou proscritas podem de fato suspender nosso direito fundamental

⁹ Se tornou muito simples criticar uma manifestação de protesto através do argumento de *fake news*. Se tornou fácil deslegitimar alguém através desse argumento. Esse movimento ficou conhecido na campanha presidencial de Donald Trump em 2016.

de escutar ao mesmo tempo que recusamos dar nosso acordo, fazendo de nós ouvintes que sucumbem. Deveríamos dar de ombros e permitir o que se quiser? Mas talvez fosse útil lembrar-se de que a cultura desenvolvida só existe enquanto conseguir produzir um número suficiente de indivíduos animados pela necessidade de defender a distinção entre hipóteses e encantamentos. (SLOTERDIJK, 1999, p. 32)¹⁰

Sloterdijk considera o mundo em uma situação pós-crítica. Como se a capacidade dos indivíduos refletirem sobre os fatos lançando mão da racionalidade e do espírito cívico estivesse totalmente esgarçada. Esse é um aspecto sistêmico que vem crescendo de forma cada vez mais impactante e acelerada, não apenas no Brasil. As eleições de 2018 materializaram as consequências desse processo. Esse aspecto sistêmico, que nos impede de termos ferramentas cívicas de contestação e de progresso social, corrobora a ausência de cultura política e inviabiliza as possibilidades de organizações plurais e qualificadas na sociedade civil. O novo aspecto que se soma a esse cenário apocalíptico é o uso tecnológico das redes sociais que os algoritmos possibilitaram. A opinião é calculada e formatada de acordo com interesses comerciais e políticos. Já não poderemos falar que vivemos a “era da informação”, mas sim a “era da desinformação”. Teremos de admitir que um horizonte democrático, construído por uma esfera pública conscienciosa, com a presença de debates críticos na produção de consensos é algo cada vez mais distante.

BIBLIOGRAFIA

SLOTERDIJK, Peter. (1999). *No mesmo barco: ensaio sobre a Hiperpolítica*. São Paulo: Estação Liberdade.

_____. (2016) *Esferas I: bolhas* (José Oscar de Almeida Marques, Trad.). Portugal: Estação Liberdade.

_____. (2001). *Ensaio Sobre a Intoxicação Voluntária: Um Diálogo Com Carlos Oliveira*. Lisboa: Fenda.

Recebido em 20/11/2020 – Aprovado em 21/11/2020

¹⁰ Peter Sloterdijk (2016). *Esferas I: bolhas* (José Oscar de Almeida Marques, Trad.)